

Ogum vai a Coyoacán para enfrentar Tio Sam: os trotskistas brasileiros e a América Latina, 1930-1947

Dainis Karepovs¹

<https://orcid.org/0000-0002-3641-7241>

Resumo: Este texto discute como os seguidores de Leon Trotsky, no Brasil, foram incorporando, entre 1930 e 1947, às suas concepções teóricas e políticas, a compreensão da existência de uma unidade continental entre os países latino-americanos e a sua importância no enfrentamento ao imperialismo estadunidense.

138

Palavras-chave: Trotskismo – Brasil; América Latina; Estados Unidos – Imperialismo; Mario Pedrosa.

¹ Mestre e doutor em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com pós-doutorado em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Coautor de *Na Contracorrente da História* (Sundermann, 2015) e autor de *Pas de politique Mariô! Mario Pedrosa e a política* (Ateliê; Editora da Fundação Perseu Abramo, 2017). Este texto é uma versão desenvolvida a partir de trabalho apresentado no seminário “The Impact of Leon Trotsky on the Thought and Politics of Latin America”, patrocinado pelo Stanford Center for Latin American Studies, ocorrido na Universidade de Stanford – Estados Unidos, em 23 de março de 2017, e conferência realizada nas Xas. Jornadas de Historia de las Izquierdas – Dos décadas de historia de las izquierdas latinoamericanas. aniversario y balance, patrocinadas pelo Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierda, em 21 de novembro de 2019, ocorrida em Buenos Aires – Argentina.

Abstract: This text discusses how Leon Trotsky's followers in Brazil incorporated, between 1930 and 1947, into their theoretical and political conceptions the understanding of the existence of a continental unity among Latin American countries and its importance in the confrontation with American imperialism.

Keywords: Trotskyism - Brazil; Latin America; United States - Imperialism; Mario Pedrosa.

Resumen: Este texto analiza cómo los seguidores de León Trotsky en Brasil incorporaron, entre 1930 y 1947, a sus concepciones teóricas y políticas la comprensión de la existencia de una unidad continental entre los países latinoamericanos y su importancia en el enfrentamiento con el imperialismo estadounidense.

Palabras clave: Trotskismo - Brasil; América Latina; Estados Unidos; imperialismo; Mario Pedrosa.

No final do ano de 1940, Joseph Hansen, jornalista e dirigente da seção estadunidense da IV Internacional, o Socialist Workers Party (SWP), comentava em sua coluna no jornal do partido a respeito de uma informação que circulava na época. Dizia-se que o vice-presidente dos Estados Unidos, Henry Wallace, estava estudando castelhano. Hansen afirmava que o suposto interesse de Wallace não era apenas cultural. Mais do que isso, o vice de Franklin Roosevelt se dedicaria ao castelhano “para melhor representar os interesses do imperialismo americano”. Afinal, declarava o jornalista, o imperialismo estadunidense obedecia a um dos princípios elementares das expansões, o de seguir as linhas geográficas, já que, no início da II Guerra Mundial, “a primeira área de conquista do imperialismo estadunidense é a América Latina”. Além disso, Hansen afirmava era importante para os trabalhadores estadunidenses extraírem uma orientação desse fato:

Para os trabalhadores dos Estados Unidos, a expansão do imperialismo estadunidense para o sul aumenta a necessidade de laços mais fortes com os trabalhadores da América Latina, a fim de obter maior unidade e poder de ataque contra o inimigo comum. O exemplo de Wallace não é ruim – é hora de aprender a falar espanhol!²

140

Não sabemos se o conselho de Hansen surtiu algum efeito, mas se imagina que a sugestão era dada, naquele mesmo momento (ou antes, pois naquela ocasião já se vivia sob as trevas do Estado Novo varguista), aos trabalhadores e militantes de esquerda brasileiros.

O Brasil, ao contrário das relações de subordinação com os Estados Unidos, teve longa trajetória de comedido relacionamento com os demais países do continente americano. É senso comum dizer que os brasileiros não se veem como latino-americanos, embora também se possa objetar que a recíproca seja verdadeira, ou seja, que os demais países, ao sul do Rio Grande, não enxergam o Brasil como integrante do universo latino-americano.

Essa mútua compreensão se consolidou ao longo do primeiro século, depois das independências das colônias espanholas e portuguesa, nas primeiras décadas do século XIX. Nesse período, as relações do Brasil com os demais países da América do Sul se davam em torno de questões isoladas e, em especial, em torno de questões

² HANSEN, Joseph. Go Forward – Time to learn Spanish! *Socialist Appeal* (Órgão oficial semanal do Socialist Workers Party, seção estadunidense da Quarta Internacional). Nova Iorque, vol. IV, nº 48, 30/11/1940, p. 4.

relativas às fronteiras. Relações econômicas ou culturais eram extremamente reduzidas. Além disso, o Brasil se enxergava como um império - embora seus dirigentes lamentassem que fosse tropical e longínquo -, que se assemelhava mais às monarquias da Europa, as quais eram por eles entendidas como sinônimos de “civilização”, contrapondo-se aos seus “selvagens e tumultuosos vizinhos”³. Por sua parte, os vizinhos do Brasil viam com desconfiança a monarquia escravista brasileira, onde as ideias da Revolução Francesa não encontravam o menor eco. Nas primeiras décadas após o fim da monarquia da brasileira, *grosso modo*, as relações continuaram se dando no campo das discussões sobre fronteiras, embora o Brasil de então já se dispusesse a servir de mediador nos conflitos entre os vizinhos. O final da monarquia evidenciou, nos altos estratos diplomáticos brasileiros, a

Convicção radicada em todos nós de que as ideias, para ser aceitáveis, necessitam trazer a marca europeia e transpor os mares nos bojos dos transatlânticos; o descaso injustificável pelas coisas do nosso Continente; a indiferença pela sua história; o desamor às suas tradições; o desprezo pelos incontáveis aspectos da sua natureza.⁴

A preocupação com o continente americano vinha no bojo do enquadramento do Brasil no horizonte da chamada “Doutrina Monroe”, a qual, como se sabe, estabelecia a hegemonia estadunidense na América Latina. Mas as questões relativas à formulação de posições ou estratégias comuns, seja do ponto de vista regional, continental ou internacional, continuaram praticamente estáticas durante décadas após o fim da monarquia. Somente no final dos anos 1990, o contexto começou a tomar novo rumo⁵. Porém, a partir de 2019, esse quadro recebeu uma brutal retrogradação, com a instauração do governo de extrema-direita brasileira.

Já no campo cultural e intelectual, pode-se assinalar aqui o comentário de Carlos Pereyra, o prefaciador da versão espanhola, de 1919, do conhecido livro de Manoel Oliveira Lima, *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*: “Quem

³ SANTOS, Luís Cláudio Villafañe Gomes. *A América do Sul no discurso diplomático brasileiro*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2014, p. 25-26.

⁴ A REDAÇÃO. A “Revista Americana”. In: FUNDAÇÃO Alexandre de Gusmão (Org.). *Revista Americana: Uma iniciativa pioneira de cooperação intelectual (1909-1919)*. Brasília: Senado Federal, 2001, p. 19.

⁵ HOFMEISTER, Wilhelm. No obediencia, pero mayor interdependencia: la relación del Brasil con sus vecinos. In: COSTA, Sérgio; SANGMEISTER, Hartmut; e STECKBAUER, Sonja (Orgs.). *O Brasil na América Latina: Interações, percepções, interdependências*. São Paulo: Annablume; Adlaf; Fundação Heinrich Böll, 2007, p. 66.

falou do Brasil à América Espanhola? O Brasil é tão desconhecido para a América Espanhola quanto qualquer país asiático. [...] Todo o Brasil é tão desconhecido quanto nos primeiros anos do século XVI”⁶. Quase quarenta anos mais tarde, nos anos 1950, a assertiva ainda se repetia. Basta destacar a observação do jornalista Constantino Paleologo, tratando de sua incumbência de preparar a edição latino-americana de uma revista do conglomerado jornalístico Diários Associados de Assis Chateaubriand. Ele deixava claro que a situação não havia se alterado substancialmente:

O que se sabia, naquele momento, sobre a América Hispânica? Nada. O desconhecimento dos jornalistas era tão profundo como o de qualquer brasileiro de cultura mediana. Havíamos estudado as antigas civilizações, conhecíamos os principais países da Europa com certo requinte de detalhes, podíamos analisar com vagar a evolução da sociedade estadunidense desde seus primórdios, mas de nossos companheiros de raça do Novo Mundo tínhamos apenas vagas, imprecisas e confusas informações. Não foi difícil concluir que nos ignoravam, tanto como nós a eles. O que pensariam do Brasil e dos brasileiros?⁷

Embora não seja o caso de examinarmos as origens e causas desse comportamento, deve-se enfatizar que essa postura apenas começou a mudar nos últimos anos do século XX e, principalmente, nos quinze primeiros do século XXI, durante o governo do Partido dos Trabalhadores.

Quando se examina essa questão do isolamento e do desconhecimento a respeito da América Latina, no campo da esquerda brasileira, percebe-se que as coisas não foram muito diferentes. Nas fileiras anarcossindicalistas, as quais conformaram hegemonicamente o campo revolucionário brasileiro, no alvorecer do século XX até os anos 1920 (quando surgiu o Partido Comunista Brasileiro), as relações com seus congêneres latino-americanos se desenhavam mais no campo da solidariedade proletária do que no de uma identidade cultural e histórica entre antigos países submetidos ao colonialismo⁸.

⁶ PEREYRA, Carlos. Prologo. In: LIMA, Manoel Oliveira. *Formación histórica de la nacionalidad brasileña*. Madrid: Editorial-América, 1918, p. 13.

⁷ PALEOLOGO, Constantino. *Brasil en América Latina: Una experiencia de periodismo internacional*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960, p. 14. A revista mencionada é a edição latino-americana de *O Cruzeiro*.

⁸ Formulada em 1905, a análise de Manoel Bonfim punha em xeque a noção de que o atraso político e econômico da América Latina resultava da alegada “inferioridade” de seus povos e da alegada

Indo ao campo comunista, além do mútuo desconhecimento, começemos por destacar outro ponto em comum: o fato de a cultura de esquerda, em especial a marxista, ter chegado ao nosso continente através da língua francesa. Um militante trotskista latino-americano, dos anos 1940, em texto comemorativo dos dez anos de circulação da revista trotskista estadunidense *The New Internacional*, assim se referia a propósito da influência do idioma francês na cultura marxista latino-americana:

A influência ideológica da Revolução Russa veio principalmente através da língua francesa. O francês tornou-se a linguagem “internacional” do comunismo na América do Sul. Isso se deve basicamente a dois fatores: os novos estratos de intelectuais, principalmente estudantes, que foram atraídos ao movimento operário pela Revolução Russa e a falta de uma forte tradição marxista entre os trabalhadores da Espanha, Portugal e Itália. Os estudantes, que vinham das classes burguesas e pequeno-burguesas, conheciam o francês como segunda língua. O francês era sua língua “cultural”, especialmente no único país de língua portuguesa da América Latina, o Brasil. [...]

Foi ao passado acima mencionado que um velho revolucionário, um camarada argentino, se referiu quando, no final de 1940, recebeu em seu país uma cópia de *The New Internacional*. Assim ele disse:

“Antes da Primeira Guerra Mundial todos nós líamos publicações radicais italianas e espanholas. Depois, com a Revolução Russa, tive de aprender francês para poder acompanhar o desenvolvimento do movimento revolucionário internacional. Agora, com a degeneração da antiga Internacional Comunista e a vitória do nazismo na Europa, temos de aprender o inglês, o ‘novo’ idioma revolucionário.”⁹

inaptidão de seus habitantes ao progresso e à vida “civilizada e culta”; na verdade seriam vítimas do “parasitismo colonial” e do projeto oportunista das classes dirigentes locais de lhes retirar o máximo de proveito possível. Por serem fundadas em analogias biológicas, além de outras críticas que lhe foram endereçadas, as análises de Manoel Bonfim, formuladas em *A América Latina: Males de Origem*, não tiveram repercussão nas fileiras de esquerda naquele momento, somente obtendo atenção nos anos 1980.

⁹ MORENO, M. *The N. I.* in *Latin America. The New Internacional*. Nova Iorque, vol. X, nº 7 (88), jul. 1944, p. 233. Não se pôde identificar o autor, porém, certamente não se trata do argentino Nahuel Moreno, pois em 1944, aos 20 anos de idade, ele mal acabara de se aproximar do *trotskismo*, com a criação do Grupo Obrero Marxista (GOM), não tendo, portanto, nem idade e tampouco a suficiente bagagem para escrever texto com essa temática.

Em meados dos anos 1930, no entanto, como resultado do trabalho desenvolvido pelo Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista, o idioma castelhano começou a ganhar espaço como fonte de informação, de documentos e de bibliografia para o movimento marxista no continente:

Com efeito, até 1934, o marxismo militante veio para a América Latina principalmente através da língua francesa. Por certo tempo, quando o secretariado latino-americano [na verdade sul-americano, dk] do Comintern estava funcionando, primeiro em Buenos Aires e depois em Montevidéu, através do *Boletim Sud Americano* [na verdade *La Correspondencia Sudamericana*, dk], publicado pelo mesmo secretariado, o idioma espanhol tornou-se o idioma “oficial” do movimento comunista em nosso continente.¹⁰

Apesar disso, como ressaltava Moreno, a formação dos grupos da Oposição de Esquerda, no final dos anos 1920 e início dos 1930, nos principais países latino-americanos, fez com que a importância do idioma francês ainda persistisse, em especial na Liga Comunista Brasileira. Para esta, a influência da Oposição de Esquerda espanhola, que se exercera sobre as de língua castelhana, não se sentiu significativamente:

Com a ascensão da Oposição de Esquerda da Rússia, no entanto, o francês se tornou a principal língua entre os pequenos círculos de opositoristas de esquerda na América Latina. Com a organização da Oposição de Esquerda na Espanha, que ocorreu com o estabelecimento da República, *Comunismo*, órgão oficial dos opositoristas de esquerda espanhóis, editado pelos camaradas Nin e Andrade, contrabalançou com a imprensa francesa entre os pequenos quadros dos bolcheviques-leninistas. Isso, no entanto, não se passou assim com os opositoristas brasileiros. Mas logo o grupo de Nin se afastou do movimento trotskista e *Comunismo* deixou de ser o órgão teórico das organizações dos militantes da Quarta Internacional na América do Sul.¹¹

¹⁰ *Idem.* Moreno comete aqui dois equívocos. O primeiro é que o organismo da Internacional Comunista se chamava Secretariado Sul-Americano (e não Secretariado Latino-Americano), que funcionou, de 1925 a 1930, em Buenos Aires e, de 1930 a 1935, em Montevidéu. Em especial após 1930, em vez de Secretariado, este organismo era tratado como Bureau. O segundo equívoco é que o órgão oficial era, não *Boletín Sud Americano*, mas sim *La Correspondencia Sudamericana*, que circulou de 1926 a 1927 (primeira fase) e de 1928 a 1930 (segunda fase), sendo sucedido por *Comunismo*, que circulou entre 1930 e 1932. Depois de 1935, com a reformulação organizativa decidida no VII Congresso da Internacional Comunista, o Secretariado/Bureau Latino-Americano deixou de existir, passando os assuntos relativos aos partidos comunistas latino-americanos a serem examinados pelos chamados “secretariados pessoais”, sediados em Moscou, sob a responsabilidade do chinês Van Min (1935-1937) e depois de Dolores Ibarruri (1939-1943).

¹¹ *Idem.*

No entanto, é fácil de observar que Moreno, em seu depoimento, ao se referir à seção brasileira, “carrega nas tintas”. Os trotskistas brasileiros recebiam materiais das seções de língua castelhana, principalmente periódicos, e inclusive *Comunismo*. Tanto no acervo de Livio Xavier, como nos autos de apreensão da polícia política brasileira, é possível encontrarmos periódicos chilenos, espanhóis e mexicanos. Mas é importante não esquecer aqui que os Secretariados Internacionais da Oposição Internacional de Esquerda, e das organizações que a sucederam, faziam uso (tanto em suas comunicações como nos documentos e periódicos) de três idiomas: o francês, o inglês e o alemão, além do russo. Assim sendo, especialmente por essa razão, o francês permanecera naquele momento hegemônico nas fileiras trotskistas latino-americanas. E isso também ocorrera com as seções sul-americanas de língua espanhola.

Enfim, não é difícil perceber que, a julgar pelas fontes externas disponíveis aos militantes brasileiros defensores das posições de Trotsky, havia ainda uma importante ênfase eurocentrista.

É importante, na verdade, salientar que tanto para stalinistas como para trotskistas esse panorama pode ser entendido de modo idêntico, no que se refere à questão aqui tratada. Os stalinistas brasileiros, nos primeiros anos após a fundação do PCB, em 1922, recebiam os influxos da Internacional Comunista e, num primeiro momento, buscaram aplicá-los, interpretando-os a partir do seu ponto de vista e sem maiores interferências em sua atuação. Porém, na virada entre os anos 1920 e 1930, com a influência mais direta da IC, através dos “assistentes” soviéticos e do aparato do Secretariado Sul-Americano, a atuação do PCB se enquadrava na política internacional da União Soviética (os partidos comunistas eram elementos do jogo diplomático soviético, em que a futura guerra europeia tinha peso preponderante). Mas, tanto em um momento como em outro, objetivamente, o quadro geral do comunismo brasileiro não se alterou.

No que se refere à atuação dos stalinistas brasileiros em relação à solidariedade com os demais países latino-americanos, é suficiente indicador de suas dificuldades com o tema a quase completa ausência de atuação na Liga Anti-Imperialista das Américas¹². Passou-se do agrarismo versus industrialismo, decorrente da visão do suposto confronto, em terras brasileiras, entre os

¹² Cf. Daniel KERSFFELD. *Contra el império: Historia de la Liga Antimperialista de las Américas*. México (DF): Siglo XXI, 2012.

imperialismos britânico e estadunidense, ignorando-se as injunções brasileiras para uma disciplinada atuação com respeito aos ditames da III Internacional no que se referia à política internacional.

Foi-se do sectarismo do “terceiro período” à busca de alianças antifascistas sem qualquer caráter classista. Assim, num primeiro momento, desenvolveu-se a sectária política do chamado “terceiro período” e do “social-fascismo”, com revoluções a cada esquina. Sob suas asas, o PCB chegou, em sua I Conferência Nacional de 1934, a “desenhar” o “mapa” de um futuro Brasil Soviético, em que existiriam repúblicas nacionais negras e indígenas e outros artefatos stalinistas exportados sem a menor cerimônia. Depois, os comunistas brasileiros rumaram “bovinamente”, apesar do “desvio” das insurreições de novembro de 1935, para a chamada frente popular (em que a luta de classes era abandonada pelo antifascismo) e suas variáveis “táticas”, como o tratado firmado pela URSS com a Alemanha nazista, às vésperas da II Guerra.

Retornando ao nosso tema, quando se examina mais detidamente a produção dos trotskistas brasileiros sobre a América Latina, podem-se fazer observações de algum interesse. Em primeiro lugar, constatar o seu pequeno volume. Em levantamento feito nos quatorze periódicos da imprensa trotskista brasileira¹³, que circularam no período de 1930 a 1951, verifica-se o total de apenas 32 textos dedicados à América Latina, seja abordando-a como um todo ou se dedicando a um de seus países isoladamente¹⁴. Esse diminuto universo se

¹³ Nesse período, de 1930 a 1951, as várias organizações trotskistas brasileiras publicaram, até onde se sabe, quatorze títulos: 1 – *A Luta de Classe* (1930-1939, órgão, respectivamente, do Grupo Comunista Lenine, Liga Comunista do Brasil, Liga Comunista Internacionalista (Bolcheviques-Leninistas), Partido Operário Leninista, Partido Socialista Revolucionário); 2 – *Boletim* (1939, órgão do Comitê Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil); 3 – *Boletim* (1939, órgão do Comitê Regional de S. Paulo do P.C.B. (Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária)); 4 – *Boletim* (1939, órgão do Partido Socialista Revolucionário); 5 – *Boletim Interior* (1935, órgão da Liga Comunista Internacionalista); 6 – *Boletim da Oposição* (1931-1932, órgão da Liga Comunista do Brasil); 7 – *Boletim de Informações Internacionais* (1937, órgão do Partido Operário Leninista); 8 – *Luta Proletária* (1945 e 1951, órgão do Partido Socialista Revolucionário); 9 – *O Comunista* (1934, Liga Comunista Internacionalista (Região do Rio)); 10 – *O Homem Livre* (1933-1934, órgão da Frente Única Antifascista); 11 – *Orientação Socialista* (1946-1948, Partido Socialista Revolucionário); 12 – *O Proletário* (1935-1936, órgão do Comitê Regional de São Paulo da Liga Comunista Internacionalista (Bolcheviques-Leninistas)); 13 – *Pela Quarta Internacional* (1935-1937, órgão, respectivamente, da Liga Comunista Internacionalista (Bolcheviques-Leninistas), Grupo Bolchevique-Leninista); e 14 – *Sob Nova Bandeira* (1937, órgão do Partido Operário Leninista).

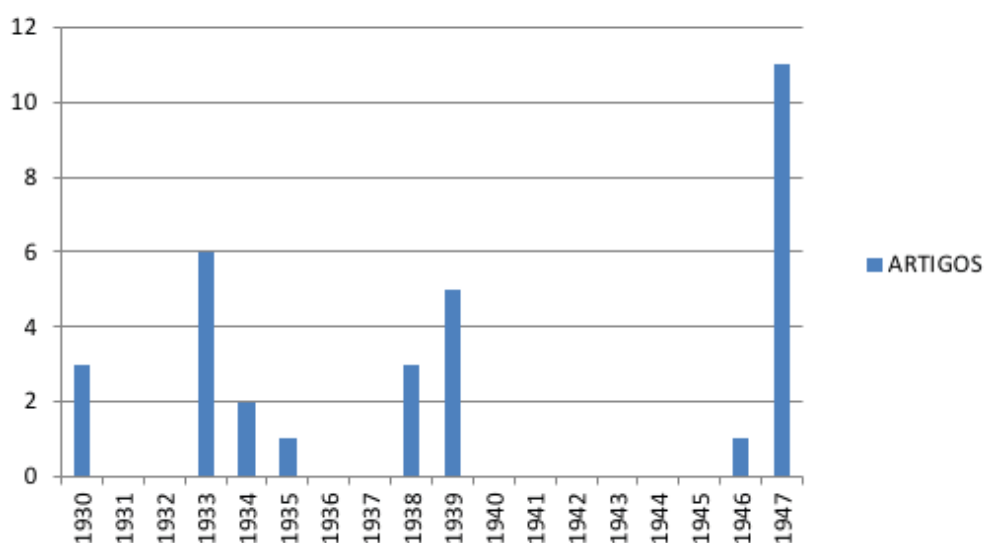
¹⁴ 1 – A ideologia “kuomingtanguista” e as Ligas Anti-Imperialistas. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano I, nº 3, jul.1930, p. 1-2; 2 – LYON [pseudônimo de Livio XAVIER]. A última agitação política e as novas posições do imperialismo. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano I, nº

encontra em meio a um total de cerca de 1.200 textos, dentre os periódicos que hoje ainda podem ser consultados e que escaparam à sanha devastadora da repressão brasileira. Nesse conjunto, em torno de 1.200 textos, excluindo-se os dedicados à América Latina, encontra-se uma parte significativa, é óbvio, que é dedicada à política brasileira e à atuação dos stalinistas brasileiros; outra, evidentemente, dedica-se às questões internacionais, tendo em boa parte o continente europeu

3, jul.1930, p. 2; 3 – Na Argentina, *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano I, nº 3, jul.1930, p. 3; 4 – LOTANA, José. O que é a ditadura de Gomes, na Venezuela. *O Homem Livre*. São Paulo, ano I, nº 4, 17/06/1933, p. 1; 5 – Mais desempregados que habitantes: este recorde pertence a Antofagasta – Chile. *O Homem Livre*. São Paulo, ano I, nº 9, 24/07/1933, p. 5; 6 – LIGA Comunista Internacionalista. Situação Internacional (Texto adotado pela Conferência Nacional). *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, 29/07/1933, p. 2; 7 – A América do Sul na política mundial. *O Homem Livre*. São Paulo, ano I, nº 11, 14/08/1933, p. 1 e 4; 8 – Cuba, ou o fim de um “governo forte”. *O Homem Livre*. São Paulo, ano I, nº 12, 22/08/1933, p. 3; 9 – R. M. [pseudônimo de Mario Pedrosa] O dilema de Cuba. *O Homem Livre*. São Paulo, ano I, nº 15, 23/09/1933, p. 2; 10 – Cuba e a Internacional Comunista. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano IV, nº 19, 22/02/1934, p. 8 [extraído de *Claridad Proletária*, órgão da Liga Comunista da América do Norte, em espanhol, nº 5, jan.1934]; 11 – A vida de nossa organização internacional: Chile. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano IV, nº 21, ago. 1934, p. 2; 12 – A luta contra o imperialismo. *A Luta de Classe*. S.l. [São Paulo], abr. 1935, p. 1-2; 13 – N. Defesa do povo brasileiro ou a defesa do imperialismo Anglo-Americano: A propósito do “16 de Julho”. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], ano VIII, nº 36 (I), 01/01/1938, p. 3-5; 14 – ANDRADE [pseudônimo de Febus Gikovate]. Sob o tacho do imperialismo ianque. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], ano VIII, nº 39 (5), 23/04/1938, p. 1-2; 15 – TROTSKY, Leon. México e o imperialismo britânico. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], s/nº [40], 25/09/1938, p. 5-6; 16 – O verdadeiro significado da Conferência Pan-Americana de Lima. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], nº 43, 23/03/1939, p. 1, 2,3; 17 – O acordo econômico entre os Estados Unidos e o Brasil. *Boletim* (Comitê Regional de S. Paulo do P.C.B. (Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária)). São Paulo, ano I, nº 3, 01/05/1939, p. 4-6; 18 – TROTSKY, Leon. Lenine e a guerra imperialista. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte, nº 44, 03/07/1939, p. 1, 4, 5, 6; 19 – PARTIDO Socialista dos Operários dos Estados Unidos [MARIO PEDROSA]. O Imperialismo americano em Lima. *Boletim* (Comitê Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil). Rio de Janeiro [São Paulo], ano I, s/nº, 06/08/1939, p. 1-7; 20 – QUARTA Internacional. Bureau-Americano Oriental [MARIO PEDROSA]. Manifesto do Bureau Americano-Oriental, Subsecretariado da IV Internacional. *Boletim* (PSR). Belo Horizonte [São Paulo], ano I, nº 3, 01/11/1939, p. 1-3; 21 – ANTONIO. Tribuna Proletária Livre: A industrialização dos países coloniais e semicoloniais. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano I, nº 3, 05/12/1946, p. 2; 22 – Dois deputados e um senador trotskistas na Bolívia. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano I, nº 6, 03/02/1947, p. 1; 23 – As últimas eleições na Bolívia: deputados e senadores trotskistas. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano I, nº 7, 05/03/1947, p. 4 e 3; 24 – O proletariado do Peru em luta. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano I, nº 8, 20/03/1947, p.4; 25 – A revolução no Paraguai. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano I, nº 8, 20/03/1947, p. 4; 26 – Conferenciam em Quitandinha o leão e as ovelhas: O “acordo” em preparo Brasil – Estados Unidos. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano I, nº 16, 20/08/1947, p. 4 e 2; 27 – HORÁCIO. O poder dos sindicatos na Argentina. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano II, nº 18, 25/10/1947, p. 2; 28 – Videla massacra os trabalhadores chilenos. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano II, nº 18, 25/10/1947, p. 4; 29 – Terror governamental contra os Trotskistas na Bolívia. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano II, nº 18, 25/10/1947, p. 4; 30 – Flagrantes das Lutas Proletárias: Poderosas greves na Argentina. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano II, nº 19, 2ª quinzena nov.1947, p. 2; 31 – Anti-imperialismo e burguesia “progressista”. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano II, nº 20, 2ª quinzena dez. 1947, p. 1 e 2; 32 - Flagrantes das Lutas Proletárias: recrudescer o terror de Herzog na Bolívia. *Orientação Socialista*. São Paulo, ano II, nº 20, 2ª quinzena dez. 1947, p. 3.

em perspectiva (Alemanha, Espanha, França e União Soviética, em especial) e outros continentes, em particular o asiático, com a China. Além disso, há textos dedicados a questões teóricas e aqueles consagrados às Internacionais, à Segunda, à Terceira e à Quarta, essas últimas em maior volume, mas não enfocados em questões nacionais e sim gerais. Cronologicamente, os 32 textos se dividem como exibido no gráfico abaixo:

ARTIGOS SOBRE AMÉRICA LATINA



Fonte: Gráfico organizado pelo autor, com base nos artigos indicados na nota 13.

Em segundo lugar, tais textos podem ser acomodados cronologicamente em duas fases distintas divididas em três períodos. À primeira fase pertencem aqueles textos em que o continente ou os seus países isoladamente (além, por óbvio, daqueles que noticiam apenas as atividades ou o surgimento das seções latino-americanas da internacional trotskista) inserem-se no âmbito de uma crítica à orientação stalinista para os países “coloniais e semicoloniais”. A segunda é a dos textos que tratam da América Latina como um todo, dentro do qual se insere o Brasil. Já os três períodos são os que vão de 1930-1935 (com uma interrupção entre 1931 e 1932), de 1938-1939, e de 1946-1947. Eles podem ser subdivididos em relação às fases: na primeira, podem ser incluídos os textos produzidos de 1930-1935 e de 1946-1947 e, na segunda, os de 1938-1939.

A crítica que marca o primeiro período, em especial nos anos 1930-1935, é a referente à orientação dedicada pela Internacional Comunista aos países coloniais e semicoloniais, em especial aos semicoloniais, categoria na qual o

Brasil fora inserido no VI Congresso da IC, de 1928. Tal orientação perdurou até 1935, mesmo que, ao seu final, de forma mitigada. Tal diretriz se fundava no pressuposto de que em tais países a revolução socialista deveria se dar através de fases específicas e seguir, necessariamente, determinada ordem e sequência.

Sempre tendo como trágico exemplo a chamada “revolução a retalhos” (forma como os trotskistas brasileiros denominavam a revolução em etapas), o caso da China, os trotskistas em todo esse primeiro período evocavam a América Latina ou a questão do imperialismo lançando sua crítica a tal concepção:

O imperialismo é uma tendência inata ao capitalismo, e que com ele se desenvolve. É, pois, impossível extinguir o imperialismo sem destruir o capitalismo, abolir a propriedade privada dos meios de produção. Pretender o contrário, como a Aliança Nacional Libertadora; pretender lutar contra o imperialismo sem lutar contra a burguesia nacional; pretender extinguir o imperialismo no território nacional sem abolir a propriedade privada, sem transformá-la em propriedade socialista, é caminhar para um fracasso certo ou, apenas, favorecer o imperialismo de uma potência, em detrimento do de outras. É o que prova a dura experiência chinesa. [...] O que se processou na China na escala da tragédia, reproduz-se no Brasil, na escala de comédia.¹⁵

149

Às vezes, a crítica assumia tom sarcástico, como o fazia Livio Xavier:

O P.C.B. tem saltado da coceira “kuomingtanguista” de 1927 à Coluna Prestes, da *aliança orgânica* à ligação com a *vanguarda* da pequena burguesia (?), do “*Agrarismo e Industrialismo*”, do camarada Brandão, à última “pastoral” da I.C. sobre a questão brasileira. Por este último modelo de previsão marxista, tem-se ideia do que podem ser a teoria e a prática do setor brasileiro. Mas nós sabemos todos que este não tem desmerecido o quartel general.¹⁶

Com vívida percepção de que a luta contra o imperialismo não se fazia seguindo “etapas”, Livio Xavier conseguiu antever, em 1930, o que ocorreria, no caso brasileiro, em 1935:

Mas os interesses primordiais da burguesia *yankee* relativamente à América do Sul não mudaram: a monopolização desta parte do mundo como produtora de matérias-primas e como escoadouro para a sua formidável produção industrial a qual não pode deixar de tender para a abertura pacífica ou guerreira de novos mercados.

¹⁵ A luta contra o imperialismo. *A Luta de Classe*. S.l. [São Paulo], ano V, nº 22, abr.1935, p. 2.

¹⁶ LYON [pseudônimo de Livio Xavier]. A última agitação política e as novas posições do imperialismo. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano I, nº 3, jul. 1930, p. 2. Grifos do original.

De como se dá essa penetração “pacífica” do capital *yankee* no Brasil tem mais consciência o cônsul dos Estados Unidos em São Paulo do que as resoluções da I.C. e do P.C.B. que pregam uma abstrusa concepção de imperialismo a qual leva direto à “ação anti-imperialista” (manifestos, ligas e partidos), caminho certo pelo pior confucionismo ao “putschismo” (por exemplo, o caso recente da Bolívia).¹⁷

Curiosamente, embora separados pelo tempo, os escritos de 1946-1947 possuem esse mesmo espírito. Dedicam-se mais a fustigar as orientações do PCB, e sua visão sobre o imperialismo, que buscar enxergar e compreender a América Latina e suas conexões com o Brasil. Na verdade, só aqui há uns poucos textos que têm essa perspectiva, pois a maioria esmagadora dos textos desse período se dedica a noticiar e comentar ou a ação das organizações trotskistas, especificamente no caso da Bolívia, ou episódios conjunturais envolvendo a luta dos trabalhadores de países sul-americanos.

Há aqui, no entanto, um sutil movimento de mudança, que se concretizaria no segundo período, mas que não introduziu alterações nas características desse primeiro momento. Os trotskistas brasileiros haviam iniciado em 1930 “a mais consistente reflexão do ponto de vista marxista sobre a formação social brasileira”¹⁸, com o texto de Mario Pedrosa e Livio Xavier, “Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil”¹⁹.

Particularmente para a conjuntura de 1930, a supracitada obra deixou de lado as formulações e a visão simplista do PCB, tomadas dos modelos da Internacional Comunista, que haviam sido criados para os “países coloniais e semicoloniais”, durante a hegemonia do chamado “Terceiro Período”. Aquelas análises viam no Brasil apenas confrontos entre campo e cidade, entre conservadores e progressistas, entre os imperialismos inglês e americano.

O texto de Pedrosa e Xavier aponta, de um lado, que o desenvolvimento das forças produtivas brasileiras resultou em centralização do aparelho de Estado e, de outro, nos acordos de compromisso e conciliação entre as facções políticas

¹⁷ *Idem.*

¹⁸ DEL ROIO, Marcos. *A classe operária na revolução burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990, p. 171.

¹⁹ Datado de 12 de outubro de 1930, foi publicado em 1931, na França e no Brasil, nos órgãos oficiais das respectivas seções da Oposição de Esquerda Internacional. M. C. [Mario Pedrosa] e L. L. [Livio Xavier] Esboço de análise da situação brasileira. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano II, nº 6, fev.-mar. 1931, p. 3-4; M. Camboia e L. Lyon. Esquisse d'une analyse de la situation économique et sociale au Brésil. *La Lutte de Classes*. Paris, 4.e année, nº 28-29, fev.-mar. 1931, p. 149-158.

burguesas regionais em disputa. Mas os trotskistas consideraram que era necessário aprofundar a análise. Mario Pedrosa, em 1938, em uma carta a Livio Xavier, narra-nos esta mudança:

Não se pode abstrair nem por um minuto a contradição das duas tendências fundamentais da economia do Brasil: direção do mercado interno, direção do mercado externo. Aliás, essa contradição tão visível já agora é determinante [...] Aliás, como explicar a irreconciliabilidade, diante de tudo, apesar de tudo, permanente, entre PRP e PC aí em S. Paulo, por exemplo? Outro fator que não se pode abstrair nem subestimar é o fenômeno constante da queda da hegemonia do café, apenas iniciada em 30 mas sobretudo pronunciada depois de 1932, com a nova conjuntura favorável surgida em 1934. [...] Não se pode também menosprezar o surto industrial havido desde 1930 (sobretudo 1932) e teve como consequência uma luta muito mais pronunciada entre interesses industriais e agrários do que em 1930 que apenas se esboçara. [...] Por todos esses fatores econômicos de enorme importância e que em 30 apenas se esboçavam, é que temo que colocar o problema exclusivamente nas bases da análise de 30 é arriscar-se a não apreender a situação em toda a sua complexidade econômica atual, ficando em termos muito gerais e talvez demasiadamente políticos. Havia na análise de 30 (e algumas vezes trocamos ideias a respeito, e se lembre que por assim dizer tacitamente, principalmente a partir de 32, nós, eu e você, sempre procuramos completar as deficiências daquela análise a esse respeito) uma relativa deficiência na questão do imperialismo que ao fazer uma reação justa às fantasias maníaco-depressivas de Brandão – Ast.[rojildo] de 1929-30 em matéria de imp.[erialismo] não conseguia, entretanto, apesar dos esforços, sair de uma definição quase doutrinária e abstrata do fator imperialista. [...] Depois, diante do fracasso por demais escandaloso do esquema Brand.[ão], o próprio p.[artido] fez uma reviravolta e não só adotou as n.[ossas] posições sobre a questão como acabou por ir muito além. Conosco se dava precisamente o contrário, pelo menos o nosso esforço era num sentido contrário – partir das generalizações de 30 para chegar a uma aproximação bastante concreta ou precisa das posições dos diversos imp.[erialismos] no país. E quando todo mundo desatou a só falar em lutas de blocos regionais em torno do bloco central como única explicação dos acontecimentos pol.[íticos] desde 30, nós, ao contrário, sentíamos cada vez maior necessidade de completar o esquema de 30 e sobretudo evitar por todos os meios a sua simplificação.²⁰

²⁰ Carta de Alberto [Mario Pedrosa] a Meu velho [Livio Xavier]. Paris, 06/08/1938 (Fundo Livio Xavier – Acervo CEMAP/INTERLUDIUM-CEDEM).

A mudança de foco é perceptível em artigos, a maioria deles sem assinatura, publicados nas páginas de *O Homem Livre*, o órgão da Frente Única Antifascista, onde se examinam os imperialismos britânico ou estadunidense, tanto na esfera mundial como no continente americano e na América Latina. Mas é essencial se entender tais textos como integrantes desse movimento de compreensão mais amplo do fenômeno imperialista, sem que houvesse, todavia, foco específico na América Latina, compreendida como unidade cultural e política da qual o Brasil fazia parte.

Já para o segundo período, há mudança substancial na apreciação dos trotskistas brasileiros a respeito da América Latina. Em seu início, ainda é possível encontrar, no exame da questão do imperialismo, texto em afinidade com a postura prevalente até 1935. Nele, o foco fica restrito à luta de genéricos “países coloniais ou semicoloniais”, na defesa de seus interesses em favor da ditadura do proletariado e contra os posicionamentos do stalinismo em favor do chamado “imperialismo democrático”, ou seja, dos Estados Unidos:

A saída da situação atual não está na democracia vaga que nunca existiu no Brasil, nem em algum outro país colonial ou semicolonial, mas sim na ditadura do proletariado, que à testa de todos os explorados e encarnando os interesses de todo o povo, levará a efeito as tarefas da revolução democrática e nacional libertadora, tarefas que a burguesia nacional não está mais em condições de realizar. [...] O problema consiste, pois, na escolha entre as duas alternativas seguintes: Ou marchar com o “grupo de republicanos” do [jornal, dk] *16 de Julho*, com o stalinismo, com os Pedro Aleixo, generais Pantaleão Pessoa e Cia. para a defesa do imperialismo “democrático” e para a restauração das misérias e infâmias da 2ª República; ou caminhar com o proletariado e com as massas trabalhadoras das cidades e dos campos, sob a bandeira da revolução proletária, sob a bandeira de Marx-Lênin-Trotsky, sob a bandeira da 4ª Internacional, para a libertação de todos os explorados, para a ditadura do proletariado e para o socialismo.²¹

²¹ N. Defesa do povo brasileiro ou a defesa do imperialismo anglo-americano: a propósito do “16 de Julho”. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], ano VIII, nº 36 (I), 01/01/1938, p. 4-5. *16 de Julho* é o título de um periódico que em seu nome alude à data de promulgação da constituição de 1934. Pedro Aleixo (1901-1975), político de Minas Gerais. Foi membro da UDN e vice-presidente da República no governo do golpista general Costa e Silva, de 1967 a 1969. Pantaleão Pessoa (1885-1980), militar. Foi chefe do gabinete militar da Presidência da República, de 1932 a 1935 e, posteriormente, chefe do Estado-Maior do Exército, entre 1935 e 1936. Ligado aos integralistas, participou da conspiração para derrubar Getúlio Vargas no *putsch* tentado pelos fascistas brasileiros de maio de 1938.

Pouco tempo depois, no entanto, esse enfoque começou a se alterar. O Brasil, com referência ao imperialismo estadunidense, passou a ser examinado em comparação com outros países latino-americanos. O dirigente do Partido Operário Leninista, Febus Gikovate, destacava o paradoxo de uma medida de Vargas (o decreto de fechamento das escolas estrangeiras - alemãs, italianas, japonesas, judaicas etc.) que era apresentada como ato contra a infiltração fascista, quando, na verdade, tratava-se de ação realizada por “ditadura policial-militar que copia os métodos fascistas”: “não se pode combater o fascismo em nome de princípios brutais e reacionários”. Gikovate amplifica o paradoxo quando, ao destacar que tal ação foi uma demanda do imperialismo estadunidense, compara a atuação dos Estados Unidos com México e Brasil:

Os Estados Unidos que impõem a Getulio esta medida “democrática” se arvoram neste momento em defensores dos magnatas americanos, donos das explorações petrolíferas, expropriadas pelo governo do México, que há decênios sugam o sangue do proletariado e do povo mexicano. O ato de Cárdenas, tipicamente anti-imperialista e imposto pelas organizações operárias e populares do México, encontra a mais viva oposição por parte do “campeão da democracia Roosevelt”. Como esperar de um governo inteiramente enfeudado aos Estados Unidos medidas que possam vir a beneficiar direta ou indiretamente as massas trabalhadoras? Como aplaudir um ato que traz o selo da luta anti-imperialista que atinge uma agudez extrema nas vésperas da guerra, no período de preparação febril para a carnificina mundial? ²²

Além de tomar um país latino-americano como elemento de comparação com o Brasil (lembremos que anteriormente o termo preferencial de comparação era a China), aqui já é importante reter outra questão: a da conexão entre os visíveis preparativos para os futuros combates da II Guerra Mundial e as iniciativas de controle político e econômico que os Estados Unidos já realizavam para consolidar seu poder no continente latino-americano. E, por fim, com o paradoxo ressaltado por Gikovate, ou seja, o de defender a “democracia” contra o fascismo para efeitos externos e internamente continuar a empregar métodos fascistas. Cumpre destacar que essa forma de compreensão sobre o governo de Vargas, destacada pelos trotskistas, somente foi utilizada por outras correntes políticas, inclusive conservadoras (num primeiro momento de modo cauteloso e brando), quando da

²² ANDRADE [pseudônimo de Febus GIKOVATE]. Sob o tacho do imperialismo ianque. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], ano VIII, n° 39 (5), 23/04/1938, p. 1.

campanha pela entrada do Brasil na Segunda Guerra, em 1942, e, mais tarde, em 1945, de forma enfática, para a derrubada de Vargas.

No número seguinte de *A Luta de Classe*, em setembro de 1938, o POL retomou a questão mexicana. Dessa vez, fazendo uso de um texto do próprio Trotsky sobre o boicote da Grã-Bretanha ao petróleo do México. Ali, o dirigente da IV Internacional identificava o governo inglês como agente dos exploradores do petróleo e integrante de uma campanha internacional contra o governo Cárdenas:

O governo do Sr. Chamberlain mostrou com um cinismo absolutamente sem precedentes que os lucros dos bandidos imperialistas estão para ele acima dos interesses do Estado. É esta a conclusão fundamental de que as massas e os povos oprimidos devem se lembrar!²³

No ano seguinte, os trotskistas brasileiros tornaram ainda mais clara sua aproximação às questões latino-americanas. Em dezembro de 1938, na cidade de Lima, no Peru, ocorrera a VIII Conferência Pan-Americana. Em seu documento final, apesar de seu caráter de recomendação (como resultado das resistências da Argentina), a conferência reafirmava a solidariedade continental, enfatizando que, em caso de intervenção exterior no continente, no que se refere a questões americanas e, mais, em caso de haver ameaças à paz e à integridade territorial de qualquer país-membro, os demais países deveriam se unir para repeli-las. Além disso, a conferência adotou princípios que tinham como alvo as atividades da Alemanha, do Japão e da Itália no continente, como a restrição aos direitos de minoria e às atividades políticas dos estrangeiros. Além disso, no campo econômico, condenou os tratados comerciais baseados em permuta, incluiu produtos alemães em “lista negra” etc. Frente aos resultados da conferência, os trotskistas deixaram claro o que se passara ali:

A recente conferência de Lima marca o início da vigorosa contraofensiva do capital financeiro norte-americano à penetração dos imperialismos alemão e japonês na América. Representa também uma etapa avançada da realização do plano de por em prática a doutrina de Monroe: a América para o imperialismo ianque. Na nova fase de redistribuição do mundo entre as potências imperialistas [...] o imperialismo iaque toma posição e reserva a América para sua influência exclusiva.²⁴

²³ TROTSKY, Leon. México e o imperialismo britânico. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], s/nº [40], 25/09/1938, p. 5. O texto de Trotsky, como informava *A Luta de Classe*, foi traduzido do órgão da seção francesa da IV Internacional *Lutte Ouvrière*, de 01/07/1938.

²⁴ O verdadeiro significado da Conferência Pan-Americana de Lima. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], nº 43, 23/03/1939, p. 1.

O artigo prosseguia afirmando que a conferência fora mais uma batalha travada na guerra entre o que se chamava de “imperialismos famintos” (Alemanha, Itália e Japão) e os imperialismos coloniais (França e Inglaterra) e o estadunidense²⁵. Retardatários na “partilha do mundo”, os “famintos” se voltaram àquelas regiões que estavam fora dos “impérios coloniais fechados” e, por isso, encontraram na América Latina campo promissor. Tal forma de ação se revelara para a Alemanha, em particular. No Brasil, em 1937, a Alemanha chegara a alcançar o primeiro lugar entre os exportadores, embora seja importante ressaltar que parte significativa do incremento da Alemanha, da Itália e do Japão tivesse se dado em detrimento da França e da Inglaterra e como resultado das novas formas de comércio adotadas pelos “famintos”. Frente a essa penetração nos países latino-americanos, prossegue o texto, o imperialismo decidira contra-atacar os “famintos”:

A bandeira para essa ofensiva já estava pronta. Tratava-se de opor a democracia burguesa ao fascismo como dois regimes políticos irreconciliáveis entre os quais iria travar-se a batalha da qual dependeria o destino da humanidade. Escamoteava-se o conteúdo econômico da luta interimperialista, surgindo em seu lugar duas ideologias despidas inteiramente de qualquer base material. [...] Também o imperialismo americano resolveu lançar-se à ofensiva em nome da democracia, erigindo-se em defensor de toda a América, contra as ameaças iminentes de invasões fascistas partidas da Europa.²⁶

155

Os trotskistas, mais uma vez, desmontaram o discurso de “democracia” versus fascismo ao lembrar que, dos vinte países latino-americanos reunidos em Lima, somente três deles (Chile, Colômbia e México) possuíam regime democrático, além de outros dois (Argentina e Cuba) serem o que se poderia chamar de semiditaduras. Nos quinze restantes, “campeia sem rebuços a ditadura policial-militar mais feroz”, apesar de, na conferência, ficarem discursando em defesa da “democracia” contra o fascismo. No caso do Brasil, os trotskistas consideravam que defender a democracia sob o regime do Estado Novo era “um verdadeiro escárnio lançado à classe trabalhadora e ao povo trabalhador do Brasil”²⁷.

²⁵ Estas categorizações reproduzem aquelas dadas aos imperialismos no texto fundacional do POL: [PEDROSA, Mario]. A situação nacional. Teses aprovadas pelo Comitê Central Provisório do Partido Operário Leninista, em Junho de 1937. [RJ]: Partido Operário Leninista, 1937.

²⁶ O verdadeiro significado da Conferência Pan-Americana de Lima. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte [São Paulo], nº 43, 23/03/1939, p. 2.

²⁷ *Ibidem*, p. 3.

Enfim, deixavam claros os objetivos do imperialismo estadunidense e do seu presidente Roosevelt, que eram os de assegurar “o domínio econômico e militar de toda a América, como primeiro passo para a luta pela hegemonia mundial”. Isso garantiria a riqueza almejada pelo imperialismo estadunidense:

Na realidade o Brasil e os outros países semicoloniais são o campo de batalha *da luta interimperialista que atingiu agora uma intensidade nunca vista*. Americanos, ingleses, alemães e italianos veem nestes países fontes de matérias-primas e possibilidades duma taxa de exploração tentadora para o excesso dos capitais, em virtude do preço vil da força de trabalho nacional. O atraso econômico destes países, a miséria dos trabalhadores da cidade e das populações do campo, são as conseqüências inevitáveis da exploração imperialista, quer se trate de exploradores americanos ou alemães. Os governos de opressão do tipo Getulio ou Benavides são indispensáveis para impedir a revolta das massas oprimidas contra os exploradores imperialistas e os seus aliados, os burgueses e latifundiários nacionais²⁸.

Encerrando o texto ao lançar um apelo à revolução, os trotskistas não deixavam de criticar os stalinistas latino-americanos por sua postura, caudatária da política de frente popular, de enxergar como benéfica a proteção dos Estados Unidos frente à agressão fascista. Para *A Luta de Classe*, tal fato abriria “caminho para a intensificação da exploração imperialista e para o reforço das cliques dirigentes locais”, colocando de lado o verdadeiro inimigo: o imperialismo, “com ou sem camisa aliado das ditaduras policiais-militares”²⁹.

Na sequência, agora nas páginas do órgão do Comitê Regional do PCB de S. Paulo (Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária)³⁰, discutiu-se o acordo econômico assinado entre Brasil e Estados Unidos, logo após a Conferência de Lima. O acordo, em seus principais pontos, tratava da liberação do câmbio para facilitar a transferência de lucros de capitais empregados no Brasil por cidadãos estadunidenses e da retomada do pagamento da dívida externa brasileira, que havia sido suspenso há alguns anos. O trato marcava a “sujeição

²⁸ *Idem*. Grifos do original. Óscar Raimundo Benavides Larrea (1876-1945), presidente peruano por duas vezes, 1914-195 e 1933-1939, sendo que no segundo mandato o seu governo tomou formas ditatoriais.

²⁹ *Idem*.

³⁰ Na edição da publicação, o comitê já deixara de existir. Constatando a completa falência da IC, acabara de constituir com o POL o Comitê Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil, o qual poucos meses depois daria origem ao PSR.

completa da economia brasileira ao imperialismo ianque”, o qual, por sua vez, garantia com isso uma importante conquista no processo de assegurar o controle da América Latina. Para fazer frente a esse quadro, os trotskistas propunham um programa anti-imperialista, cuja base seria a conquista das “mais leves concessões democráticas”, que, por sua vez, produziriam a mobilização dos trabalhadores

contra a proteção escandalosa às gananciosas empresas imperialistas americanas; contra a exportação do nosso ouro para as arcas dos banqueiros de Wall Street; contra o reinício de pagamento das dívidas externas; contra a transformação do Brasil em apêndice dos Estados Unidos; contra a deformação intencional da nossa economia; contra a mutilação das possibilidades de desenvolver, por pouco que seja, a indústria e o mercado interno. [...] A luta contra o imperialismo americano não permite transigência de espécie alguma com os agentes famintos dos imperialismos esfomeados. A luta anti-imperialista é uma só. O proletariado e as massas trabalhadoras não distinguem entre exploradores fascistas e “democráticos”.³¹

Frente ao iminente desencadeamento da guerra, os trotskistas brasileiros julgaram importante divulgar artigo de Leon Trotsky, publicado originalmente em dezembro de 1938, em que ele apresentava as posições defendidas por Lênin quando do desencadeamento da Primeira Guerra Mundial. Nele, Trotsky ressaltava as ideias de Lênin para mostrar como a guerra de 1914-1918 não era mais como as anteriores, de caráter nacional, quando se formaram Estados em que as forças produtivas e culturais puderam se desenvolver. A transformação, em especial no continente europeu, em Estados de capitalismo monopolista ou imperialista, levou à decadência, pois as forças produtivas não mais eram limitadas ao Estado nacional. Isso fez com que os imperialismos buscassem, através de novas guerras, redividir e redesenhar o mapa do planeta. As guerras nacionais cederam espaço às guerras imperialistas, desenvolvendo caráter completamente reacionário.

Trotsky aproveitou para examinar, a partir dos problemas tratados por Lênin, questões que se colocavam no âmbito dos chamados países coloniais e semicoloniais:

O imperialismo despótico das nações avançadas não pode existir senão porque em nosso planeta existem nações atrasadas, povos oprimidos, países coloniais e semicoloniais. A luta dos povos

³¹ O acordo econômico entre os Estados Unidos e o Brasil. *Boletim* (Comitê Regional de S. Paulo do P.C.B. (Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária)). São Paulo, ano I, nº 3, 01/05/1939, p. 6.

oprimidos por sua unificação e independência nacionais tem um caráter duplamente progressista, já que, por um lado, prepara para eles mesmos condições propícias para sua evolução e que, por outro lado, assesta golpes no imperialismo. Disso resulta, em particular, que na luta entre uma civilizada e democrática república imperialista e uma monarquia atrasada, bárbara, num país colonial, os socialistas estarão inteiramente do lado do país oprimido, apesar de ser uma monarquia, contra o país opressor embora seja uma “democracia”.³²

A esse propósito, em entrevista concedida ao sindicalista argentino Mateo Fossa (1896-1973) em setembro de 1938, no México, Trotsky desenvolveu o mesmo argumento, utilizando o Brasil como exemplo:

Tomo um exemplo simples e claro. No Brasil governa um regime semifascista, o qual todo revolucionário deve odiar. Suponhamos, no entanto, que amanhã a Inglaterra entrasse em conflito militar com o Brasil. Eu lhe pergunto: De que lado do conflito deveria estar a classe trabalhadora? De minha parte eu lhe respondo: Neste caso estarei ao lado do Brasil “fascista” contra a Inglaterra “democrática”. Por quê? Porque no conflito entre eles não se trata, de modo algum, de uma questão de democracia ou de fascismo. Se a Inglaterra vencesse, instalaria outro fascista no Rio de Janeiro e colocaria novas e mais pesadas cadeias ao Brasil. Ao contrário, se o Brasil triunfasse isto daria um poderoso impulso à consciência nacional e democrática do país e levaria à derrubada da ditadura de Vargas. Ao mesmo tempo, a derrota da Inglaterra seria um golpe no imperialismo britânico. Enfim, é preciso ter uma cabeça vazia para reduzir os antagonismos mundiais e os conflitos militares à luta entre fascismo e democracia. É preciso saber reconhecer os exploradores, os escravistas e os bandidos debaixo de quaisquer máscaras.³³

Todavia, aparentemente os seus camaradas do Brasil não viram com bons olhos a analogia, entendendo estar ali uma espécie de concessão a Vargas, a quem os trotskistas brasileiros rejeitavam completa e incondicionalmente. Isso fez com que essa entrevista só fosse publicada no Brasil mais de meio século depois. Como sabemos, por sua correspondência com Charles Curtiss, Pedrosa vinha enviando o *Boletín de Información* do Bureau Americano-Oriental da IV Internacional aos

³² TROTSKY, Leon. Lenine e a guerra imperialista. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte, nº 44, 03/07/1939, p. 4.

³³ TROTSKY, Leon; e FOSSA, Mateo. Entrevista Trotzky-Fossa. *Boletín de Información*. Nova Iorque, nº 4, s.d. [Dez.1938 ou Jan.1939?], p. 23-24. Esta entrevista foi publicada pouco antes no órgão da seção estadunidense (TROTSKY, Leon; e FOSSA, Mateo. Anti-Imperialist Struggle is Key To Liberation, Trotsky Tells Mateo Fossa. *Socialist Appeal*. Nova Iorque, vol. II, nº 48, 05/11/1938, p. 3).

seus camaradas do Brasil (como foi possível confirmar através da tradução e da publicação de uma série de artigos do *Boletín* na imprensa trotskista brasileira). Por isso, é muito improvável que os trotskistas brasileiros não tenham tido acesso à entrevista de Fossa com Trotsky, já que ela foi publicada tanto no *Boletín de Información*, dedicado ao Congresso de fundação da IV Internacional, como no semanário do SWP, o *Socialist Appeal*.

Trotsky prossegue seu texto relembrando que os objetivos do imperialismo não haviam se alterado. A conquista de colônias, de mercados, de fontes de matérias-primas e o domínio de segmentos de influência eram encobertos com o discurso chauvinista de defesa da pátria, da paz e da democracia. Contudo, Trotsky destacava também o que havia mudado, ao longo dos vinte e cinco desde que Lênin havia discutido a questão, em especial em relação aos países coloniais:

O imperialismo assumiu um caráter ainda mais despótico e opressor. Sua expressão mais lógica chegou a ser o fascismo. As democracias imperialistas baixaram alguns graus e se converteram, de modo natural e orgânico, em fascismo. A opressão colonial torna-se tanto mais insuportável quanto mais vai despertando, nos povos coloniais, o afã de independência nacional. Em outras palavras, todos aqueles traços que estão na base da doutrina de Lênin sobre a guerra imperialista assumiram agora um caráter incomparavelmente mais forte e agudo.³⁴

Além disso, Trotsky não deixava de destacar o que se acrescera naqueles vinte e cinco anos no que se refere ao campo do movimento dos trabalhadores:

Se Lênin, um quarto de século atrás, classificou de social-chauvinismo e social-traição a passagem dos socialistas para o lado do imperialismo nacional, sob o pretexto de defesa da democracia e da cultura, na hora atual resulta, conforme os princípios de Lênin, muito mais criminoso. Não é difícil adivinhar como chamaria Lênin os atuais dirigentes da Internacional Comunista – que ressuscitaram todos os sofismas da II Internacional, agora quando a decomposição da civilização capitalista é muito mais profunda. O paradoxo fatal consiste em que os mesmos epígonos da Internacional Comunista, tendo convertido sua bandeira em um trapo sujo para varrer o chão atrás da oligarquia do Kremlin, chamam de “renegados” aqueles que permanecem fieis à doutrina do fundador da Internacional Comunista.³⁵

³⁴ TROTSKY, Leon. Lenine e a guerra imperialista. *A Luta de Classe*. Belo Horizonte, nº 44, 03/07/1939, p. 6.

³⁵ *Idem*.

Enfim, os trotskistas brasileiros adicionaram mais um elemento ao seu arsenal teórico no sentido da compreensão das peculiaridades vividas nos países latino-americanos, em especial o peso adicionado pelo imperialismo estadunidense no sentido de reforçar seus poderes no continente.

Curiosamente, os dois últimos textos que tratavam da América Latina eram de Mario Pedrosa (embora dificilmente os trotskistas brasileiros soubessem naquele momento de sua real autoria). Esses manifestos de Pedrosa levavam a assinatura, respectivamente, da seção estadunidense da IV Internacional, do SWP e do Bureau Americano-Oriental da IV Internacional. Apesar de datados e publicados originalmente por conta de circunstâncias distintas (logo após a Conferência de Lima e do início da Segunda Guerra Mundial, respectivamente), em ambos o foco estava no quadro que se desenhava nos países latino-americanos. Em outras palavras: em suas relações com o imperialismo estadunidense, com mais intenso e incisivo controle deste sobre aqueles.

O manifesto de Pedrosa, assinado pelo SWP, foi publicado no Brasil em boletim do Comitê Pró-Reagrupamento da Vanguarda Revolucionária do Brasil, composto pelo POL e pelo Comitê Regional do PCB da Região de São Paulo (Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda), que naquele mesmo mês de agosto de 1939 se transformaria no Partido Socialista Revolucionário³⁶.

No manifesto, Pedrosa e o SWP chamavam a atenção para uma particularidade em relação à América Latina nas ações dos Estados Unidos com vistas à guerra que então se desenhava. Enquanto em outras partes do mundo o governo estadunidense desenvolvia ações de forma puramente econômica (“guerra contra o controle comercial, restauração da completa liberdade de comércio, pela redução dos direitos de importação, empréstimos etc.”), no continente americano elas eram mais políticas. Isso é, a ação estadunidense se voltava para a busca de “declarações coletivas contra os agressores e propostas de formação de alianças defensivas com planos de estratégia militar”.

³⁶ [PEDROSA, Mario] PARTIDO Socialista Operário dos Estados Unidos (SWP). O imperialismo americano em Lima. Declaração do Partido Socialista Operário dos Estados Unidos. *Boletim*. Rio de Janeiro [São Paulo], 06/08/1939, p. 1-7. Esse manifesto de Pedrosa também foi publicado em: [_____] SOCIALIST Workers Party. Yankee imperialism at Lima. *Socialist Appeal*. Nova Iorque, vol. III, nº 1, 07/01/1939, p. 1 e 3. [Datado de dezembro de 1938, sua autoria, bem como sua reprodução integral também estão em BREITMAN, George (Ed.). *The Founding of the Socialist Workers Party: Minutes and resolutions, 1938-1939*. Nova Iorque: Pathfinder, 1982, p. 394-406]; e [_____] Partido Socialista Obrero de los Estados Unidos. El imperialismo yanqui en Lima. *Boletín de Información*. Nova Iorque, nº 5, maio 1939, p. 1-10.

As ações na América Latina, além de monopolizar mercados e suas respectivas matérias-primas, especialmente as destinadas a fins bélicos, tinham como meta transformar o continente latino-americano na “base físico-econômica e estratégica” das batalhas pela dominação mundial. Além disso, o conjunto das ações estadunidenses, em primeiro lugar, colocava objetivamente os países latino-americanos na condição de neocolônias. E, em segundo, ao utilizar as matérias-primas para fins bélicos na fabricação de um imenso arsenal e oferecer sua proteção militar em razão da iminente guerra, utilizaria essas armas “a fim de sufocar o movimento revolucionário de massas na luta pela independência nacional dos países semicoloniais”. Tais ações também contavam, na defesa da “democracia”, com o apoio dos governos do continente (em sua maioria, ditaduras).

O manifesto conclui afirmando que somente o combate anti-imperialista, nas suas variedades “fascistas” e “democráticas”, seria capaz de colocar fim à dominação neocolonial:

Nos países dependentes e semicoloniais da América Latina, a luta contra o fascismo não se pode manifestar de outra forma senão pela luta contra o capital financeiro, isto é, contra o capital financeiro americano que é nosso principal dominador e opressor nos dois continentes, e contra seus agentes nativos. A burguesia nacional dos países da América Latina não só não pode conduzir a luta pela independência nacional como se transforma num simples agente do imperialismo yanque. Toda a tarefa da libertação dos países da América Latina recai portanto sobre os ombros dos operários e camponeses, na sua luta contra os imperialistas e seus exploradores nacionais. [...] Mas esta luta tem de ser dirigida pela independência nacional; pela revolução agrária, distribuindo a terra entre os que a trabalham; pela expropriação dos monopólios estrangeiros; pelos direitos democráticos ilimitados ao povo e pela melhoria das condições de vida das massas. Este é o único programa que pode emancipar os milhões de escravos latino-americanos da opressão imperialista, do fascismo e das ditaduras crioulas.³⁷

O manifesto de Pedrosa não se encerrava sem denunciar a participação do stalinismo como força auxiliar do imperialismo estadunidense:

O *Pravda*, órgão pessoal de Stalin, em sua edição de 17 de abril deste ano [1938, dk], incita os Estados Unidos a adotarem uma “política exterior mais ativa” e a entrarem em uma “ação comum com todos os elementos democráticos da América Latina, como o

³⁷ *Ibidem*, p. 4 e 5.

único meio possível para resistir às forças destruidoras do fascismo”. Assim, enquanto Roosevelt arrasta os ditadores e *fíbrers* da América Latina para a “frente democrática antifascista”, os stalinistas, por sua vez, tratam de arrastar para ele mesmo os líderes populares anti-imperialistas. A suprema esperança de Stalin está em Wall Street, e ele se esforça por demonstrar o quanto pode ser útil a esta cidadela imperialista.³⁸

O derradeiro texto dessa fase “latino-americana” é outro manifesto, também de autoria de Mario Pedrosa, agora com a assinatura do Bureau Americano-Oriental da IV Internacional³⁹. Tal manifesto foi escrito e divulgado imediatamente após o desencadeamento do Segunda Guerra Mundial, com a invasão da Polônia pelo Exército alemão. No manifesto de Pedrosa e do Bureau, reitera-se que os latino-americanos não deveriam se deixar seduzir pelos discursos patrióticos, pela paz ou pela democracia e, portanto, não deveriam se posicionar ao lado de Hitler e de Stalin e tampouco de Chamberlain, Daladier e Roosevelt. Cabia aos trabalhadores defender os seus próprios interesses, confrontando os interesses imperialistas e aproveitando essa nova guerra mundial, promovida pelos imperialismos, para realizar nova divisão no planeta, a fim de conseguir seus objetivos.

162

Novamente, os trotskistas clamavam aos trabalhadores para que não se esquecessem dos stalinistas, aqueles que pouco antes os haviam deixado indefesos frente ao fascismo, por haver concertado uma aliança com os nazistas: “Expulsai de vossas fileiras, com igual energia, aos fiéis agentes do traidor Stalin, furibundos partidários, ontem, da guerra ‘democrática’ contra o agressor fascista e hoje defensores da pérfida aliança entre Stalin e Hitler”⁴⁰.

³⁸ *Ibidem*, p. 6. Pedrosa, quando menciona “líderes populares anti-imperialistas” refere-se ao peruano Haya de La Torre, que declarou acreditar sinceramente nas declarações de Roosevelt em defesa da democracia e contra os fascistas.

³⁹ [Mario PEDROSA] QUARTA Internacional. Bureau Americano-Oriental. Manifesto do Bureau Americano-Oriental, Subsecretariado da IV Internacional. *Boletim* (editado pelo PSR). Belo Horizonte [São Paulo], ano I, nº 3, 01/11/1939, p. 1-3; [PEDROSA, Mario]. BURO Americano-Oriental, Sub-Secretariado de la Cuarta Internacional. Manifesto a los pueblos oprimidos de Latinoamérica, Asia y África! *Boletín de Información*. Nova Iorque, nº 6, set. 1939, p. 1-4; [_____] BURO Americano-Oriental, Sub-Secretariado da IV Internacional. A Manifesto to the Oppressed Peoples of Latin America, Asia, Africa! *Socialist Appeal*. Nova Iorque, vol. III, nº 70, 15/09/1939, p. 1 e 4; [PEDROSA, Mario]. BUREAU Panamericano y del Pacífico. Subsecretariado de la Cuarta Internacional. Manifesto a los Pueblos Oprimidos de América Latina, de Asia y África. *Clave*. Cidade do México, nº 2, 2ª época, out. 1939, p. 46-49.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 2.

Quando Pedrosa redigira o manifesto, apenas se sabia da convocação de uma reunião continental de Ministros das Relações Exteriores para o Panamá, mas já era possível deduzir que os Estados Unidos fariam enfáticos movimentos no sentido de dar os passos finais para o absoluto controle sobre os países latino-americanos. Na I Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores, realizada no Panamá entre 23 de setembro e 3 de outubro de 1939, como se sabe, decidiu-se que o continente manteria sua neutralidade frente ao conflito europeu. Em seguida, na II Reunião de Consulta, realizada em Havana entre 21 a 31 de julho de 1940, discutiu-se a ocupação da França e da Holanda pelos alemães. Isso porque ambos os países tinham colônias na América Latina. Assim, decidiu-se que qualquer tentativa de um Estado não americano contra a integridade ou inviolabilidade do território, soberania ou independência política de um Estado americano seria tomada como agressão aos demais. Na III Reunião, ocorrida no Rio de Janeiro entre 15 e 28 de janeiro de 1942, logo após a entrada dos Estados Unidos na guerra, em dezembro do ano anterior, os estadunidenses ali encaminharam decisivos passos no rompimento de relações diplomáticas do continente com os países do Eixo. O Canadá já entrara em guerra no início, em setembro de 1939. Depois, já antes da III Reunião, e logo após o ataque de Pearl Harbor, em dezembro de 1941, Panamá, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Haiti, Honduras, Nicarágua, Guatemala e Cuba declararam guerra aos países do Eixo. Ao longo de 1942, México e Brasil fizeram o mesmo. No ano seguinte, foi a vez de Bolívia, Colômbia e Equador. No período final da guerra, em 1945, praticamente *pro forma*, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela, Argentina e Chile declararam guerra.

Para compreender melhor o movimento de acentuação da percepção do papel do Brasil, no continente latino-americano, é importante levantar algumas questões. Tal mudança de enfoque não se pode dizer que seja uma decorrência direta, mas sem dúvida recebeu influência de três fatores, que se conjugam e se superpõem, sem que haja acentuada predominância deste ou daquele ou de outro.

O primeiro deles foi a chegada de Leon Trotsky ao México, no início de 1937. Quando o revolucionário soviético chegou ao México, em 9 de janeiro de 1937, em sua primeira declaração feita em solo latino-americano, Trotsky afirmou que entre seus planos estava o de adquirir profundo conhecimento sobre o México e a América Latina, pois avaliava que seu domínio sobre essas regiões era

insuficiente⁴¹. Quando o local de exílio de seu principal militante se deslocou da Europa para a América Latina, o conjunto da militância trotskista passou a buscar ampliar e solidificar sua compreensão por aquele continente. Esse conhecimento, como se pode perceber pelas publicações dos trotskistas e pela criação de vários outros periódicos, como *Clave*, dirigida por Trotsky e seus companheiros mexicanos, sofreu significativo crescimento⁴².

Àquele se conectou o segundo fator: a ida de Mario Pedrosa ao exterior para exílio, em 1938, e sua atuação no Secretariado Internacional da IV Internacional. A estadia de Pedrosa, num primeiro momento em Paris, onde foi um dos organizadores do Congresso de fundação da IV Internacional, e depois em Nova Iorque, onde assumiu a responsabilidade atribuída no Congresso de Paris de dirigir as seções latino-americanas, também fez com que buscasse compreender mais profundamente o continente. Isso colaborou para que, primeiro, Pedrosa aprofundasse a atenção ao papel do imperialismo, em especial do estadunidense. E, depois, para que aperfeiçoasse a compreensão de seu papel no Brasil. Isso o levou, como já vimos, a valorizar a função do poderio ianque no desenvolvimento político recente do Brasil, fazendo com que revisse alguns pontos do já mencionado “Esboço...”, escrito em parceria com Livio Xavier, em que inicialmente se havia posto em primeiro plano as relações regionais no Brasil⁴³.

O exame mais aprofundado da atuação do imperialismo estadunidense em relação ao Brasil e à América Latina foi realizado no exílio por Pedrosa. Como responsável pelas questões latino-americanas, no âmbito da direção da IV Internacional, vai ressaltar as disputas entre os diversos imperialismos e, em particular, a atuação estadunidense na América Latina. Isso deixará na trajetória de Pedrosa uma marca que não se apagará. Tais reflexões a respeito da atuação do imperialismo ianque na América Latina e, em especial, no Brasil, levaram Pedrosa a aprofundar a compreensão de seu papel no continente latino-americano.

⁴¹ TROTSKY, Leon. Déclaration a Tampico. In: _____. *Oeuvres*. Volume 12: Décembre 1936 à février 1937. Grenoble; Paris: Institut Leon Trotsky; EDI, 1982, p. 84.

⁴² Ver GALL, Olivia. *Trotsky en México y la vida política en el período de Cárdenas, 1937-1940*. México (DF): Era, 1991.

⁴³ M. Camboa e L. Lyon. Esquisse d’une analyse de la situation économique et sociale au Brésil. *La Lutte de Classes*. Paris, ano IV, nº 28-29, fev.-mar. 1931, p. 149-158. In: ABRAMO, Fulvio e KAREPOVS, Dainis (Orgs.). *Na contracorrente da história: Documentos do trotskismo brasileiro, 1930-1940*. 2ª ed. São Paulo: Sundermann, 2015, p. 62-74.

As reflexões tomaram forma, décadas depois, na publicação de seus livros *A opção brasileira* e *A opção imperialista*⁴⁴.

E, por fim, o último fator a ser destacado esteve nos prenúncios, nos preparativos e no início da Segunda Guerra Mundial, em particular tendo como foco as ações do imperialismo ianque no sentido de fazer com que os países latino-americanos ficassem a seu talante de modo incondicional. A construção desse férreo controle por parte do imperialismo estadunidense, com suas medidas políticas e econômicas, permitiu compreensão mais clara de que o conjunto dos países latino-americanos tinha mais laços em comum do que se acreditava em terras brasileiras. Isso permitiu vislumbrar com mais clareza tais laços como resultado de sua condição “semicolonial”, colocando em xeque as enganosas aparências de origens culturais e políticas diferenciadas em razão da colonização espanhola ou portuguesa.

Inegavelmente, esse conjunto de textos apontava para passos concretos no sentido de uma integração continental, a partir do ângulo do movimento operário, em especial no campo trotskista. No entanto, tal como ocorrera na época da frente única antifascista em 1934, ocorreria um novo anticlímax. Dessa vez, como sabemos, ele conjugou diversos fatores cuja combinação determinou um recuo em relação ao que se erigira em 1938-1939. Referimos-nos aqui à cisão da qual Mario Pedrosa tomou parte, no início de 1940, nos Estados Unidos, no âmbito da direção da IV Internacional e do SWP, e que determinou seu afastamento da direção e das fileiras trotskistas, com a consequente quebra de comunicações entre a IV Internacional e sua seção brasileira. Tal rompimento agravou-se em decorrência do recrudescimento da Segunda Guerra. A isso se somou a constante repressão do governo de Getúlio Vargas contra o movimento dos trabalhadores. Como já apontamos, tais episódios tiveram como resultado uma espécie de “recuo”, em meados dos anos 1940, a concepções mais próximas daquelas que os trotskistas brasileiros externavam no início dos anos 1930. Tal quadro, no entanto, acabaria sendo superado nos anos 1950, quando uma nova geração do trotskismo brasileiro, sua terceira geração, reunida em torno do Partido Operário Revolucionário (POR), passou a desenvolver uma atuação em que a questão latino-americana foi retomada com ênfase, em especial por conta dos vínculos estabelecidos com a seção argentina da IV Internacional.

⁴⁴ PEDROSA, Mario. *A opção brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; PEDROSA, Mario. *A opção imperialista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Referências

ABRAMO, Fulvio e KAREPOVS, Dainis (Orgs.). **Na contracorrente da história: Documentos do trotskismo brasileiro, 1930-1940**. 2ª ed. São Paulo: Sundermann, 2015.

BREITMAN, George (Ed.). **The Founding of the Socialist Workers Party: Minutes and resolutions, 1938-1939**. Nova Iorque: Pathfinder, 1982,

COSTA, Sérgio; SANGMEISTER, Hartmut; e STECKBAUER, Sonja (Orgs.). **O Brasil na América Latina: Interações, percepções, interdependências**. São Paulo: Annablume; Adlaf; Fundação Heinrich Böll, 2007.

DEL ROIO, Marcos. **A classe operária na revolução burguesa. A política de alianças do PCB: 1928-1935**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

FUNDAÇÃO Alexandre de Gusmão (Org.). **Revista Americana: Uma iniciativa pioneira de cooperação intelectual (1909-1919)**. Brasília: Senado Federal, 2001.

GALL, Olivia. **Trotsky en México y la vida política en el período de Cárdenas, 1937-1940**. México (DF): Era, 1991.

HANSEN, Joseph. **Go Forward – Time to learn Spanish! Socialist Appeal**. Nova Iorque, vol. IV, nº 48, 30/11/1940, p. 4.

KERSFFELD, Daniel. **Contra el império: Historia de la Liga Antimperialista de las Américas**. México (DF): Siglo XXI, 2012.

LIMA, Manoel Oliveira. **Formación histórica de la nacionalidad brasileña**. Madrid: Editorial-América, 1918.

MORENO, M.. **The N. I. in Latin America. The New International**. Nova Iorque, vol. X, nº 7 (88), jul. 1944.

PALEOLOGO, Constantino. **Brasil en América Latina: Una experiencia de periodismo internacional**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1960.

PEDROSA, Mario. Carta de Alberto [Mario Pedrosa] a Meu velho [Livio Xavier]. Paris, 06/08/1938 (Fundo Livio Xavier – Acervo CEMAP/INTERLUDIUM-CEDEM).

PEDROSA, Mario. **A situação nacional**. Teses aprovadas pelo Comitê Central Provisório do Partido Operário Leninista, em Junho de 1937. [RJ]: Partido Operário Leninista, 1937.

PEDROSA, Mario. **A opção brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

PEDROSA, Mario. **A opção imperialista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

PEDROSA, Mario e XAVIER, Livio [sob os pseudônimos, respectivamente, de M. Camboa e L. Lyon]. **Esquisse d'une analyse de la situation économique et sociale**

au Brésil. *La Lutte de Classes*. Paris, ano IV, nº 28-29, fev.-mar. 1931, p. 149-158.

PEDROSA, Mario e XAVIER, Livio [sob os pseudônimos, respectivamente, de M. C. e L. L.]. Esboço de análise da situação brasileira. *A Luta de Classe*. Rio de Janeiro, ano II, nº 6, fev.-mar. 1931, p. 3-4;

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe Gomes. *A América do Sul no discurso diplomático brasileiro*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2014.

TROTSKY, Leon. Déclaration a Tampico. In: _____. *Oeuvres*. Volume 12: Décembre 1936 à février 1937. Grenoble; Paris: Institut Leon Trotsky; EDI, 1982.

TROTSKY, Leon; e FOSSA, Mateo. Entrevista Trotzky-Fossa. *Boletín de Información*. Nova Iorque, nº 4, s.d. [Dez.1938 ou Jan.1939?], p. 23-24. Esta entrevista foi publicada pouco antes no órgão da seção estadunidense (TROTSKY, Leon; e FOSSA, Mateo. Anti-Imperialist Struggle is Key To Liberation, Trotsky Tells Mateo Fossa. *Socialist Appeal*. Nova Iorque, vol. II, nº 48, 05/11/1938, p. 3).